

Antiguidade e Cristianismo: considerações sobre o presente e premissas para o futuro

*Antiquity and Christianity: considerations on the present
and premises for the future*

Frederico Lourenço

Entrevistado

Filipe Noé da Silva

Entrevistador

1. *Filipe Noé da Silva: É com enorme satisfação que inicio essa entrevista. Meu nome é Filipe Noé da Silva, sou professor de História Antiga e Medieval da Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC), e é muito gratificante receber o Prof. Dr. Frederico Lourenço, da Universidade de Coimbra, que de maneira muito gentil, aceitou realizar essa entrevista para falar um pouco sobre seus interesses, suas pesquisas, investigações e seus trabalhos de tradução reconhecidos por todo o mundo lusófono. Gostaria de começar, então, conversando um pouco sobre sua trajetória. Sabemos que o professor Frederico Lourenço fez graduação em Línguas e Letras Clássicas na Universidade de Lisboa, onde, posteriormente, também defenderia o seu doutorado com estudos sobre Eurípedes. É bastante perceptível que o estudo da Antiguidade, de certa forma, acompanha sua trajetória desde o início na vida universitária. Então, gostaria de saber, professor, se o seu interesse pelos estudos clássicos surgiu apenas em âmbito universitário, ou era algo que você já trazia desde antes, em sua formação anterior à universidade.*

Frederico Lourenço: Antes de mais nada, professor Filipe Noé, obrigado pelo convite. É um gosto muito grande estar aqui, nesta conversa. Me fazem muitas vezes essa sua pergunta, e é verdade que antes de estudar estudos clássicos formalmente, na Universidade de Lisboa, já me interessava bastante por grego e por latim. Tive a sorte de iniciar o estudo do latim muito novo, com 10 anos, e embora eu não tenha tido continuidade – tive um ano de latim em um colégio em que meus pais me puseram – logo no primeiro contato passei a gostar muito da língua latina e a ter grande curiosidade em relação ao grego.

Mas, o grego eu só consegui estudar mesmo na universidade. Quer dizer, estudei alguns meses antes de me candidatar à universidade, para a licenciatura, como nós dizemos aqui (acho que no Brasil seria a graduação), enfim, a primeira etapa universitária. Estudei alguns meses antes, tinha que fazer alguns exames para poder candidatar-me, mas começar a estudar a sério o grego e o latim foi apenas na universidade. E foram logo, claro, as disciplinas de que eu mais gostei, as línguas clássicas, latim e grego. Isso foi há muitos anos. Estamos a falar de 1984. Foi quando comecei minha licenciatura: àquela altura eu tinha 21 anos, agora eu tenho 60. Portanto, foi há bastante tempo. Mas, a paixão continua e eu sei que o professor Filipe Noé também a tem, e consigo perceber esse mesmo entusiasmo pelas línguas.

2. É interessante notar, professor, que você mencionou 1984. E é bastante notório que o seu entusiasmo permanece depois de todos esses anos. Isso é muito satisfatório, muito válido. Acredito que a forma com que o professor lê esses textos hoje, naturalmente, é bastante diferente de como o professor costumava ler anos atrás. Deve ser uma grande satisfação ler, reler esses textos todos, voltar a esses textos, depois de tantos anos. Aqui no Brasil são bem conhecidas suas traduções da Ilíada e da Odisseia, traduções que inclusive foram premiadas. E, recentemente, temos notado, também, a proliferação de traduções que você tem feito da Bíblia, do Novo e do Velho Testamentos. Gostaria que o professor comentasse, se possível, de que forma surgiu esse interesse, pois há uma transição, digamos, dos textos de um período clássico, de um período anterior, para os textos da tradição judaico-cristã. Inclusive, recentemente, o professor publicou uma tradução importante dos chamados evangelhos apócrifos, da tradição cristã. Se possível, professor, gostaria que você comentasse de que forma aconteceu essa sua transição para esses textos da tradição judaico-cristã, e em particular a importância, histórica e linguística, desses textos apócrifos que o senhor traduziu recentemente.

R.: Evangelhos apócrifos. Sim. Então, voltamos a 1984. Ao verão de 1984. E mesmo antes eu já tinha feito os exames que eu tinha que fazer, de latim e grego, para começar na universidade, em setembro. Houve uma feira do livro, em Lisboa, em junho, me lembro perfeitamente, em 1984, e o primeiro livro em grego que eu comprei foi o Novo Testamento, em grego, da edição de Nestle-Aland, que àquela altura era a 27ª Edição – agora já vai à 28ª – e foi o primeiro livro em grego que eu comprei. E, claro, eu ainda não tinha capacidade de ler, pois tampouco havia estudado grego a sério. Mas, foi o meu primeiro livro, e o que mais me acompanhou nesses anos todos. Já vamos para 40 anos, praticamente, e é o livro que mais me acompanha. Claro que meus estudos em Lisboa, na

Universidade de Lisboa, não incidiram no Novo Testamento. Não tive nenhuma cadeira, nenhuma disciplina, no meu curso, que tivesse como objeto o Novo Testamento ou a Septuaginta. E o interesse mais acadêmico, portanto, veio só mais tarde. Meu curso, de fato, foi só sobre a Antiguidade Clássica. Mas, eu próprio, já disse, fui batizado e educado como católico, e sempre me interessei muito por religião, por religiões. Não só a religião cristã, mas outras religiões também. E eu já conhecia muito bem o Novo Testamento, uma introdução, não ainda em grego, mas já sabia que eram textos, para mim, muito importantes, sobretudo os quatro evangelhos canônicos do Novo Testamento – Mateus, Marcos, Lucas e João. São textos que, para mim, já àquela altura, eram alguns dos textos mais importantes da literatura grega. Enfim, toda a gente sabe que eu gosto muito de Homero e de outros autores gregos, mas esses quatro evangelhos continuam a ser textos fundamentais. Minha abordagem, como o professor Filipe sabe, é diferente da abordagem que seria própria de um padre católico ou de um pastor protestante. Minha abordagem é a partir dos Estudos Clássicos. Minha abordagem é a de um helenista, de alguém que considera esses textos como parte da literatura grega. E, portanto, também considero a Septuaginta como uma parte importante da literatura grega. Penso que minha formação, talvez menos teológica, religiosa, mais filológica, tem trazido, enfim, alguma vantagem e que tem permitido, às pessoas que leem minhas traduções da Bíblia, de olharem para aqueles textos de uma outra perspectiva. Porque penso que estes textos bíblicos são importantes, interessantes e profundos: seja qual for a abordagem que tivermos, católica, protestante ou qualquer outra. O valor desses textos permanece sempre. Acho que quanto mais vozes houver a contar o que esses textos têm de fascinante, de relevante, para a atualidade, isso será uma vantagem. De fato, respondendo à sua pergunta, meu interesse pelo Novo Testamento é algo que me acompanhou desde o início. E uma das coisas que me criou muita curiosidade no estudo do grego foi saber que iria ter a competência de poder ler, por mim próprio, o Novo Testamento, sobretudo os quatro evangelhos em grego. É algo que continuo a fazer. E se me perguntar, dentre os textos todos da literatura grega, qual o texto que eu leio e releio por mais vezes, será o Novo Testamento. Também gosto de reler Homero, como é óbvio, e as tragédias. Mas, acho que há uma mensagem tão importante nos evangelhos, independentemente de todo o resto, que mesmo pessoalmente é muito enriquecedora para nós.

3. Acredito que, como os demais textos da literatura grega antiga, os evangelhos são textos que lidam com temas muito perenes. Temas que atravessam os séculos, mas que de certa forma nós retomamos por conta da própria perenidade desses textos, uma vez que eles tratam de temas muito humanos. Este aspecto, para mim, também é fascinante.

R.: E sobretudo porque sou um professor que vem da área dos Estudos Clássicos, eu sou professor de língua e literatura grega. Os autores que eu mais estudei foram Homero e os autores trágicos. E estes são autores que se interessam, apenas, em retratar pessoas que estão no topo da hierarquia das sociedades. Homero fala de reis, príncipes, heróis, pessoas que, de fato, estão no topo das sociedades. E a tragédia também é sobre reis, heróis e princesas. Enfim, são pessoas completamente diferentes dos personagens que encontramos nos evangelhos, que são pessoas normais, do dia-a-dia; são pessoas pobres, pessoas doentes, são pessoas cheias de problemas. Não encontramos princesas, nem rainhas, nem príncipes. São pessoas, de fato, como nós as vemos na realidade, com os problemas reais que todos nós temos. E isso, para mim, é muito refrescante e autêntico. Portanto, é uma literatura que tem uma autenticidade, porque é sobre a vida real. Homero fala da Guerra de Tróia, do regresso de Odisseu: são coisas muito heroicas, simbólicas e bonitas. Mas, não fala dos problemas verdadeiros das pessoas. Já os evangelhos apresentam a humanidade como ela é: portanto, com dificuldades, cheias de problemas, mas ao mesmo tempo apresenta uma solução para esses problemas. E, em grande parte, essa solução não está na literatura grega. A solução dos evangelhos é que, se as pessoas fizerem o bem umas às outras, o mundo torna-se melhor. Na literatura grega, nunca vimos essa mensagem. A mensagem é sempre para as pessoas preservarem a sua honra, seu orgulho, sua autoestima. Poderem, à vontade, prejudicar aos outros se os outros prejudicarem a nós. A mensagem de Jesus é o contrário disso, e eu a acho mais eficaz para resolver os problemas da humanidade, a meu ver. É muito diferente, e isso é algo que me fascina. Também os apócrifos, que o professor Filipe mencionou, nos mostram essas pessoas, personagens de vida comum, de vida normal, pessoas pobres, com dificuldades, doentes. Pessoas que são a humanidade que nós conhecemos. Mulheres também, pois há uma grande importância, nos apócrifos, de figuras femininas como Maria Madalena, Salomé. E me interessa bastante ouvir a voz que pode ser dada, dentro desses textos, a mulheres e homens, pessoas que estão excluídas, um cadinho, da literatura grega mais nobre, enfim, mais clássica.

4. Excelente. Isso que o professor mencionou, sobre os apócrifos trazerem múltiplos personagens, são questões que, em última instância, a gente discute no tempo presente, referentes ao protagonismo das mulheres, das populações desprovidas de pleno direito, dos grupos sociais marginalizados. São temas que estavam presentes entre os antigos, mas que, sobretudo, nos dizem respeito: nos dias atuais e eventualmente no futuro. Então, é algo que reitera a importância da leitura crítica, de primeira mão, desses textos. Professor, gostaria de saber o seguinte: vivemos sob o signo do imediatismo, dos imperativos do hic et nunc e, não

raro, como estudiosos da Antiguidade, acabamos por ter que justificar esse nosso interesse pelo passado mais remoto. Você já antecipou, um pouco, a resposta a essa questão, mas eu gostaria, se possível, que o professor comentasse um pouco mais sobre a importância, hoje, dos textos que compõem a tradição clássica mais antiga e também os textos judaico-cristãos (canônicos ou apócrifos). Qual a importância, no tempo presente, da leitura crítica dessa tradição textual?

R.: Acho que a questão mais interessante é que o ser humano não mudou tanto assim, e que esses textos que nós lemos, já com dois mil anos, ou dois mil e setecentos anos (como é o caso de Homero), são textos que podem ter um aspecto fantasioso, um aspecto narrativo, certamente, quase cinematográfico, de alguma forma. Mas, são textos que falam dos seres humanos, e a humanidade das situações em Homero é uma humanidade que nos toca muito. A *Ilíada*, é um poema extremamente pessimista, de certo ponto de vista, pois nos mostra o sofrimento humano, mas não nos mostra o reverso da medalha: ou seja, uma esperança diferente quanto ao sofrimento humano. Mas, quando olhamos para uma das passagens mais belas da *Ilíada*, a meu ver, que é o final mesmo, o último livro, número 24, em que temos um homem idoso, o pai de Heitor, que vai ter com Aquiles que matou o próprio filho dele para pedir o corpo do filho, para poder dar um funeral condigno em Tróia. De fato, vemos ali duas gerações: vemos um homem mais velho e um homem mais novo, vemos alguém que tende a ultrapassar toda sua repugnância ao falar com o assassino do próprio filho. Vemos, de fato, situações às quais poderíamos perguntar o motivo de ele estar se arriscando sob uma situação daquelas. Já nada poderia trazer o filho de volta, o filho já morreu. Mas, apesar de tudo, ele se arriscou e foi até lá: são questões que têm que ver com os sentimentos humanos, com o amor entre as pessoas, o amor entre pais e filhos. E depois, essa reconciliação possível entre inimigos. Eu penso que essa mensagem é fundamental para nossa atualidade, pois de fato as pessoas são iguais ao que eram: existem pais e filhos, mortes, assassinios, crimes, e são coisas que continuam. Mas, tudo que seja uma mensagem que possa propor uma solução para a humanidade é positivo e é algo que nós recebemos, hoje, e que estamos a receber da Antiguidade. E na *Ilíada*, concretamente, temos algumas mensagens que ainda são válidas, hoje, sobre como a humanidade pode olhar para frente, para o futuro, e como pode comportar-se de uma forma melhor, de uma forma mais benéfica. Temos essa questão da reconciliação, de pessoas nos polos opostos se entenderem umas às outras. E isso é muito importante pois, como o professor Filipe falou, hoje em dia estamos sob um imediatismo enorme das redes sociais e sobretudo diante de uma polarização enorme que existe em todas as sociedades ocidentais: não só no Brasil, como em Portugal ou,

enfim, nos Estados Unidos. A sociedade está polarizada entre dois extremos de opinião, com pensamentos contrários e, de fato, tudo que seja para aproximar as pessoas, propor uma reconciliação e mostrar às pessoas que a polarização não tem que ser extrema, pois somos todos seres humanos, temos todos os sentimentos humanos e conseguiríamos, sem dificuldade, um ponto em comum se tentarmos. E essa é, de fato, a mensagem final da *Ilíada*, mas temos muitas outras mensagens, como Heitor e Andrômaca, por exemplo. No meio do terror todo da guerra, existe um casal com um filho pequeno e que, apesar de tudo, é um relacionamento feliz, acho que o único relacionamento feliz de toda a *Ilíada*: os outros são todos infelizes, mas aquele é feliz. Na *Odisseia* temos essa vontade de voltar à casa, de Odisseu que prefere voltar à casa, à mulher e ao filho. E também temos outras alternativas mais positivas. E, afinal de contas, vemos isso em muitas outras obras da literatura antiga, em poesia e prosa. Eu sou mais leitor de poesia, desde jovem sempre gostei mais dos poetas gregos e latinos do que dos prosadores. E quando vamos, então, para o Novo Testamento, também encontramos isso, essa mensagem de humanidade, que é uma mensagem de dois mil anos para cá e que ninguém pode ter a imprudência de dizer que o Novo Testamento, por ter dois mil anos, já não é válido hoje porque os temas e a abordagem, tudo isso ainda é válido hoje e temos muito o que aprender com isso. E eu penso que não é útil para a humanidade, sobretudo para as pessoas que estão nas universidades, só se concentrarem no momento presente sem perceber o que é que vem de trás e a importância que estes textos muito antigos, e não apenas os textos, mas também as obras de arte, muitas outras coisas, tudo o que isso pode trazer de benéfico e de positivo para o nosso presente. Então, eu combato sempre essa ideia de que o agora, que com certeza é fundamental e é a única coisa que existe na prática. Mas, há uma sabedoria que vem de trás e que nos pode ajudar muito. Estamos em uma fase, no mundo todo, de grande polarização, inimizade entre povos. Estamos em uma altura em que o diálogo, em que esses valores da humanidade, de reconciliação, são fundamentais. E esses textos vão dizer essa mensagem, esse estímulo para repensarmos a maneira de estarmos. De fato, é muito importante.

5. Interessante sua resposta, professor. E também é válido pensarmos que, não raro, esses textos, desde sua produção, foram, têm sido relidos sob as mais diversas chaves de leitura. E se, outrora, esses textos foram lidos sob uma chave de leitura que segrega, que cria desavença e preconceito, acho que deve haver um compromisso, de nossa parte, no sentido de que, se estamos interessados em construir sociedades mais democráticas e abertas à convivência, é mais que necessário reler esses textos a partir dessa chave de leitura, tendo em vista a

democracia e a convivência entre as pessoas. Com o intuito, mesmo de superar os discursos de ódio, a guerra e a morte que ainda são pregadas mundo afora.

R.: Um aspecto que podemos dizer elementar é a instrumentalização que sobretudo os textos religiosos sofreram para possibilitar, poder concretizar isso que o professor Filipe mencionou, os discursos de ódio. Se olharmos para a História do Cristianismo, houve muitos momentos em que o Cristianismo parece ter sido uma força muito positiva na vida de muitas pessoas, mas é preciso aprender com isso e é preciso ver que essa instrumentalização mais negativa é uma traição da mensagem verdadeira do Cristianismo. E é isso que eu penso sempre, que o Cristianismo é uma mensagem, tem que ver com a confraternização e com a compreensão entre as pessoas. E com a ideia de que a primeira obrigação de cada um de nós é a de fazer bem aos outros: fazer bem a si próprio e fazer o bem aos outros, na medida do possível. Mas, aquilo que eu não posso fazer é o mal aos outros. Isso não é compatível com o pensamento cristão. Não é compatível. Agora, quando nós vemos que tantas pessoas que se dizem, que se disseram cristãs ao longo da História, e que tiveram comportamentos que fizeram mesmo mal às pessoas, aos outros, por todo esse discurso de ódio, exclusão e preconceito, penso que isso está contra a verdadeira mensagem de Jesus e do Cristianismo. Portanto, a História é muito importante. Nós não podemos olhar, apenas, para o que o pastor está a falar hoje, ou o Papa Francisco que está a falar hoje. Nós temos que olhar para a História, lançar o olhar para trás e temos muito o que aprender com gregos, romanos e com todo o discurso do cristianismo.

6. Nos últimos anos, você publicou uma Nova Gramática do Latim e também um manual para o estudo da língua latina, o Latim do Zero. Logo na introdução deste livro você comenta sobre a história desse livro, de que sentiu interesse em escrevê-lo depois de observar, nas redes sociais, um interesse muito grande, por parte das pessoas, em relação à língua latina. É interessante porque, a princípio, a gente não imagina que as pessoas, em geral, tenham esse interesse pelo latim. No Brasil, por exemplo, o latim, hoje, já não é parte do repertório escolar da população. Sendo assim, a que fatores o professor atribuiria esse interesse atual, por parte de pessoas que não são necessariamente classicistas ou estudiosas da Antiguidade? Qual é a sua opinião a esse respeito, professor?

R.: Eu penso que muitas pessoas não tiveram a oportunidade de estudar latim e grego, mas sobretudo latim. Em Portugal, a situação é muito parecida com isso que está a dizer sobre o Brasil. Embora haja escolas, agora até um cadinho mais do que via há cinco ou dez

anos, onde existe o latim, felizmente, mas durante algumas décadas o latim desapareceu totalmente, e o grego também, do ensino secundário. Muitas pessoas têm essa pena de não terem tido essa oportunidade de estudar línguas clássicas e eu fui me apercebendo disso, de fato, pela reação das pessoas às minhas postagens no *Facebook* sobre temas que têm que ver com a literatura grega e literatura latina. E começou durante a pandemia, essa fase muito negativa que todos passamos, em 2020, e durante as primeiras semanas em que não havia aulas na Universidade Coimbra, eu pensei: o que posso fazer para entreter as pessoas? E pensei: vou quebrar o gelo, relativamente, à língua latina. Ou seja, fui fazendo postagens em uma página chamada “Latim do Zero” em que fui acompanhando as pessoas que tinham curiosidade em saber o latim, e quebrando um cadinho esse gelo. Há uma grande diferença entre uma pessoa que não sabe nada de latim e, digamos, “o maior latinista do mundo”. Aí está uma diferença abissal. Mas, depois, há uma diferença também enorme entre a pessoa que não sabe nada de latim e a pessoa para quem o latim já não é uma porta fechada, a pessoa que já começa (e que não tem ainda a prática, nem os anos todos que são necessários, como o professor Filipe sabe, pois, o latim e o grego são línguas muito trabalhosas). Mas, há uma diferença enorme entre estar a zero e já ter algumas luzes, a começar a perceber como a língua latina funciona, quais são suas declinações, quais são suas conjugações, como são os verbos, qual o esquema dos verbos, como que as frases encaixam umas nas outras. E, portanto, a pessoa já começa a perceber alguma coisa e já não tem a sensação de estar perante uma porta fechada. Foi isso o que eu quis fazer.: com a *Nova Gramática do Latim* quis sintetizar as coisas mais importantes precisam ter, assim, mais presentes para poderem ler textos em latim. Mas o *Latim do Zero* é que está a abrir esta porta, a quem nunca tinha tido a oportunidade de estudar latim, de perceber porque é tão interessante estudar o latim, o porquê de usarmos estes textos e estas épocas que não conheceremos se lermos apenas os textos em português. Há uma sutileza, uma profundidade, e uma musicalidade, também, que o latim tem. O português também tem sua musicalidade, mas é diferente da musicalidade do latim. Penso que é bonito e tenho ficado muito satisfeito e acho, sinto, que consegui esse objetivo quando as pessoas me dizem que começaram a ler o *Latim do Zero* e, de fato, sentiram essa porta se abrir. O *Latim do Zero*, de fato, é um convite para as pessoas fazerem seu próprio percurso como latinista, sejam amadores ou profissionais. São línguas que exigem muito esforço autodidata. Portanto, por muitos professores que tenhamos, de latim ou de grego, nunca estamos dispensados de estudarmos sozinhos. Isso depende muito do investimento que nós fazemos. E são duas línguas muito trabalhosas, desse ponto de vista. Enfim, qualquer língua moderna é trabalhosa, mas as duas línguas clássicas são muito trabalhosas por terem uma gramática muito complexa e muitas coisas

que é preciso decorar, uma outra lógica, e a lógica não nos ajuda com muitas coisas do latim e do grego. Então, são línguas que eu também acho que são para pessoas que querem estimular sua capacidade de aprendizagem. Conheço pessoas que já depois de reformadas, com meu estímulo, começavam a aprender o latim e o grego: e para essas pessoas é algo que preenche o dia e que ajuda a manter o cérebro ativo. E acho que é uma atividade lúdica, também, e estimulante do ponto de vista intelectual.

7. Dentre as questões que o professor apresentou, considero válido destacar, também, a preocupação para que o estudo do latim de fato chegasse às pessoas, como se o seu livro fosse uma ponte. Essa, talvez, a mensagem mais bela e que demonstra, também, a importância do estudo do latim e da Antiguidade, hoje: como uma forma de construir pontes em um mundo onde já temos muros demais.

R.: Sim, essa ponte é fundamental. São muitas as pontes que nos levam a realidades, como as que o professor Filipe estuda, com a epigrafia, com frases reais, escritas por pessoas da vida real, sobre suas vidas. Isso mostra as condições em que as pessoas viviam, e é um recurso fundamental para estudar a Antiguidade Clássica. E depois, os textos literários, que terão suas sutilidades, certamente: uma pessoa que lê uma ode de Horácio não está a ler o mesmo nível de linguagem que encontra em uma inscrição, ou qualquer coisa desse tipo. É uma realidade à sua maneira, pois tem sua própria mensagem, à sua maneira. Mas, sem a competência linguística, acho que se perde muito, mesmo que haja boas traduções. No Brasil, há traduções muito interessantes dos textos antigos, desde o famoso Odorico Mendes, de Homero e de Virgílio, e mais recentemente com o Haroldo Campos e sua tradução de Homero, que é bastante criativa. A língua portuguesa presta-se a recriações e traduções belíssimas dos textos antigos, mas não é a mesma coisa que ler no original. Mesmo uma tradução da Eneida como a do Odorico Mendes não nos dá aquilo que está verdadeiramente no texto da Eneida. Depois que a gente sabe o latim, começa-se a perceber a grandeza, dimensão e beleza de Virgílio. Quando as pessoas percebem isso, começam a pensar que realmente vale a pena estudar o latim. Foi algo que eu senti logo que comecei a estudar, na Universidade de Lisboa, pois começamos logo a traduzir textos muito bonitos e percebi como era diferente ler esses textos em grego, ou em latim, por muito boas que fossem as traduções não chegam lá.

Filipe Noé da Silva: Muito importante essa questão de conhecer os textos no idioma original, eventualmente fazer sua análise filológica desses textos. É, de fato, fundamental e também

um privilégio. Professor, muitíssimo obrigado pelo aceite: é uma honra poder contar com sua companhia e seus ensinamentos.

Frederico Lourenço: Muito obrigado. Eu que agradeço o convite e a gentileza. Gostei muito dessa conversa e de conhecê-lo pessoal e virtualmente. Construiremos mais pontes: entre Santa Catarina e Coimbra.